



Ao lado de dom Paulo, a avó mostra as fotos dos netos e do casal desaparecido

Internacional

Os batalhões do medo

A identificação de duas crianças no Chile prova a existência de um intercâmbio entre os exércitos do Cone Sul. Seu lema: "Um por todos, todos por um"

Quase três anos atrás, no dia 26 de setembro de 1976, um grupo de homens armados invadiu uma casa no bairro San Martín, em Buenos Aires, e seqüestrou quatro cidadãos uruguaios que ali viviam como refugiados políticos. Tratava-se de Mario Roger Julien de Cáceres, sua mulher Victoria Grisona e os dois filhos do casal, Anatole, de 4 anos, e Victoria Eva, de 1 ano e quatro meses. Desde então, nunca mais se teve notícia dos quatro, nem foram realizadas investigações para localizá-los. Afinal, não é incomum que oficiais do Exército uruguaio, integrantes de uma certa "Divisão 300", façam *razzias* pelo exterior a fim de dar cabo, de alguma forma, de dissidentes

políticos que abandonam o Uruguai em busca de refúgio em países vizinhos — especialmente Argentina, Brasil e Chile.

Em operações isoladas, ou em conjunto com as polícias destes países, a "Divisão 300" seqüestrou, torturou, semeou o medo, matou ou recambiou para prisões uruguaias centenas de exilados nos últimos seis anos — só em 1976, sua rede apanhou 400 pessoas. A família Julien foi apenas mais uma vítima do que os exilados latino-americanos chamam de "multinacional da repressão". Mas, a não ser o depoimento particular de alguns sobreviventes, pouco se sabia a respeito desta polícia internacional clandestina, cujas opera-

ções, rápidas e extremamente eficientes, jamais deixavam pistas. Até que, na semana passada, os irmãos Anatole e Victoria Julien foram localizados por seus familiares na casa de um dentista em Valparaíso, no Chile. A descoberta dos dois garotos revela claramente, pela primeira vez, os métodos de certos órgãos de segurança do Cone Sul — e, enfim, deixa impressões digitais em suas operações conjuntas.

ATRAVESSANDO OS ANDES — É bem verdade que um descuido anterior permitira, na tarde de 17 de novembro do ano passado, que os jornalistas Luís Cláudio Cunha e João Batista Scalco, de VEJA, presenciassem, em Porto Ale-

gre, a operação de seqüestro de outros quatro exilados uruguaios: Lilian Celi-berti Rosas de Casariego, seus filhos Camilo e Francesca e o estudante Uni-versindo Rodríguez Díaz. Na semana seguinte, os quatro apareceram em Montevideu: o casal na cadeia e as crianças na casa das avós. Logo se expediriam explicações oficiais. Não houve seqüestro, afirmaram energicamente as autoridades uruguaias. Os quatro teriam entrado voluntariamente no Uruguai "para fazer subversão" e foram presos. O mesmo argumento era utilizado sempre que se localizava em alguma prisão uruguaia um exilado político que desaparecera meses antes em outro país.

Mas no caso de Anatole e Victoria as coisas se tornaram muito mais complicadas. Como seria possível que duas crianças pequenas saíssem de casa em Buenos Aires, atravessassem voluntariamente, e sozinhas, toda a Argentina, cruzassem a Cordilheira dos Andes e reaparecessem três meses depois em uma praça de Valparaíso, no Chile, a 140 quilômetros de Santiago e a mais de 1 500 quilômetros de Buenos Aires? Segundo uma notícia da época, publicada pelo jornal *El Mercurio*, Anatole e Victoria foram abandonados na praça O'Higgins pelos ocupantes de um automóvel, na antevéspera do Natal — e levados a um abrigo para menores por uma patrulha de Carabineros, a polícia comum do Chile.

COM "TIA MONICA" — Graças à Comissão de Direitos Humanos da Cúria de São Paulo, as duas crianças foram localizadas e identificadas, no dia 24 passado, em Valparaíso, por sua avó, a uruguaia Maria Angelica Cáceres de Julien, mãe de Mario Roger. Isso porque, há dois meses, um exilado chileno na Venezuela tinha visto as fotos de Anatole e Victoria no jornal *Clamor*, editado pela Comissão paulista, que os dava como desaparecidos. Reconheceu serem as mesmas crianças da notícia de *El Mercurio* e avisou a Igreja, através da Europa. Em menos de um mês, enviados da Cúria a Montevideu e Valparaíso localizaram a avó e as crianças. No domingo, dia 22 de julho, embarcaram para o Chile Maria Angelica Julien, o advogado Luís Eduardo Greenhalg e o jornalista Ricardo Carvalho, do *Clamor*.

Anatole e Victoria tinham sido adotados, há dois anos, pelo dentista Jesus Larrabeite Correa e sua esposa, a professora Silvia Yanez. O casal não podia ter filhos e resolveu ficar com os dois uruguaios, a quem dão todo conforto e

assistência. "As crianças estão bem, o casal é muito bom", disse a avó, Maria Angelica, ao ser apresentada à imprensa pelo cardeal dom Paulo Evaristo Arns, na quarta-feira da semana passada, em São Paulo. "Dói muito tomar-lhe meus netos, mas eles são tudo o que me resta na vida."

"É uma aberração que queiram levar as crianças agora", protesta a avó adotiva, Alicia Correa, mãe do dentista. "Será que querem que elas também sejam Tupamaros?" Tão preocupada ficou a família com o assunto, que o casal pediu licença de seus respectivos empregos para ocupar-se exclusivamente da luta judicial pela guarda das crianças. "Separá-las de nós agora seria provocar outro trauma", diz Silvia Yanez. Ela pondera que Anatole e Victo-

nal da repressão" agia em todo o Cone Sul.

Na verdade, as operações conjuntas internacionais ocorriam com certa frequência há alguns anos, mas foram praticamente formalizadas em 1975, em Montevideu, durante a realização da 11.ª Conferência dos Exércitos Americanos. De 20 a 25 de outubro, sob o lema de "um por todos, todos por um", 74 chefes militares de quinze países debateram a segurança no hemisfério. Representavam o Brasil os generais Fritz Manso e Confucio Danton de Paula, chefes respectivamente do Estado-Maior e do Centro de Informações do Exército.

O espírito com que alguns militares compareceram ao Hotel Carrasco para denunciar as organizações de esquerda



PAULO SANTIAGO/CENTRAL

Videla (segundo à direita) em Montevideu: por uma ação comum

ria — cujo novo nome é Eva Lucia — não se lembram quem eram seus pais nem têm recordações do que lhes aconteceu.

"UM POR TODOS" — Anatole, porém, chegou a dar algumas pistas, ao ser encontrado. Falou de "tiros" e que sua mãe fora ferida na barriga. Disse que atravessou montanhas com neve (a cordilheira) em um grande carro preto e foi abandonado com sua irmã por uma certa "tia Monica", em Valparaíso. Com eles, lembra-se ainda, estavam outras duas crianças que seguiram viagem. Não se conhece ainda a identidade dos ocupantes do automóvel. Poderiam ser policiais chilenos ou mesmo uruguaios, pois já naquela época a "multinacio-

na América Latina e combater suas ações era francamente de guerra. O diagnóstico mais sombrio seria dado numa frase curta e seca do representante argentino. "O Cone Sul precisa de um banho de sangue", constatou o general Jorge Rafael Videla, então chefe do Exército argentino sob o governo peronista de Isabelita e López Rega. Julio Cesar Vadora, general uruguaio, insistia num acordo para o combate conjunto à subversão. Representantes como os do Peru e do Panamá discordaram, mas foi possível um acerto a nível regional. A ata que garantia a ofensiva radical preconizada por Videla permaneceu sob absoluto sigilo. O general argentino, por sinal, era o mais preocupado com a questão.



FOTOS PAULO SANTIAGO/CENTRAL

Buenos Aires: as mães dos desaparecidos pedem por seus filhos

ARRAIA MIÚDA — De fato, em 1975 a Argentina era um país peculiar em uma região dominada por regimes militares. Apesar do caos interno do peronismo, havia uma situação de razoável segurança para os exilados que chegavam dos países vizinhos. Em pouco tempo, 25 000 perseguidos políticos viviam na Argentina — 14 000 deles sob a proteção do Alto Comissariado das Nações Unidas. A 6 000 destes, a ONU garantia alimentação e alojamento em hospedarias e hotéis alugados sob sua responsabilidade. Paralelamente a este afluxo de esquerdistas de outros países, a Argentina vivia seu próprio drama interno, com o paroxismo do terror de esquerda e de direita tomando conta do país. Praticamente todos os dias havia assassinatos, bombas ou outros atentados praticados pelas organizações extremistas ERP e Montoneros, ou por grupos ligados ao governo.

Buenos Aires, assim, tornou-se o centro de operações das polícias do Cone Sul. O golpe de estado patrocinado por Videla em 24 de março de 1976 limpou o caminho para as ações conjuntas acertadas no Hotel Carrasco. Com extrema ousadia, naquele mesmo ano, os comandos assassinaram na Argentina, em maio, os uruguaios Zelmar Michelini, ex-senador, e Héctor Gutiérrez Ruiz, ex-presidente da Câmara dos Deputados; em julho, o ex-presidente da Bolívia, Juan José Torres. Dois anos antes, em setembro de 1974, chilenos já tinham assassinado, em Buenos Aires, o ex-ministro de Salvador Allende, general Carlos Prats. Em setembro de 1976, o ex-chanceler do mesmo governo, Orlando Letelier, morreu num atentado em Washington. A arraia miúda, perseguida em plena luz do dia, sumia aos magotes, como a família Julien.

Hoje, há oficialmente na Argentina 5 581 desaparecidos, entre eles centenas de exilados políticos. O número total, contudo, seria de 12 000, pois muitas famílias tinham receio de se expor a uma queixa pública. Mesmo assim, na Plaza de Mayo, frente ao palácio presidencial, mães de desaparecidos — argentinas, uruguaias, chilenas — pediam por seus filhos. Para livrar-se da avalanche de habeas corpus impe-trados em favor dos seqüestrados, a 18 de julho de 1977 a Corte Suprema de Justiça já tinha declarado sua "incompetência" para examinar tal questão.

TIRO DE MISERICÓRDIA — Um homem forte, com propensão à gordura, cara lisa e cabelo curto, que há dez anos não se deixa fotografar sequer em festas familiares, comandava os grupos de seqüestro uruguaios: era o major José Gavazzo, da "Divisão 300". Teria sido ele quem deu o tiro de misericórdia no ex-senador Michelini, em 1976. Testemunhas garantem que viram Gavazzo com os dois filhos de Roger Julien, em Buenos Aires. A pista sobre o destino dos pais foi dada em dezembro de 1977 pelo presidente do Supremo Tribunal Militar do Uruguai, coronel Silva Ledesma: Roger Julien, e apenas ele, estava no presídio de *La Libertad*, a 40 quilômetros de Montevideu.

Quanto a Victoria Crisona, especu-

la-se que teria morrido vítima de uma rajada de metralhadora na barriga — talvez os "tiros" a que se refere o pequeno Anatole. O casal era militante do clandestino "Partido pela Victoria del Pueblo" (PVP). Foram presos pela primeira vez em agosto de 1970, em Montevideu. Um ano depois, no dia 6 de setembro, Roger Julien fugiu do presídio de Punta Carretas em companhia de outros 105 presos políticos, em uma cinematográfica operação de resgate realizada pelos Tupamaros. Após três anos de clandestinidade no Uruguai, o casal refugiou-se em Buenos Aires.

Gavazzo é o responsável pelo completo desbaratamento do PVP, ao qual pertenciam também Lilian Celiberti e Universindo Díaz. Sobre ele pesam acusações, partidas de exilados uruguaios, de ter "expropriado" em benefício próprio todo o dinheiro e os bens da organização e de seus militantes. Descrito como um fanático ligado à organização fascista uruguia "Azul Y Blanco", Gavazzo é o único de seu grupo que, segundo as acusações, não tem pruridos em tirar o capuz quando tortura seus prisioneiros. Mais do que ninguém, só ele poderia dizer com precisão onde se encontram os pais de Anatole e Victoria e muitos dos outros 110 uruguaios até hoje ainda desaparecidos.

São 107 adultos e três crianças, entre elas Simon Antonio Riguelo, desaparecido vinte dias após nascer em uma maternidade argentina. Sua mãe, Sara Rita Méndez, foi seqüestrada em Buenos Aires e recambiada para um presídio uruguio. Até quando a "multinacional" continuará a operar, é coisa que não se pode prever. Mas a descoberta de Anatole e Victoria, na semana passada, trouxe esperanças para muitos parentes de refugiados políticos. ●



Torres: morto por comando boliviano, em 1976